



LEITURA DE IMAGENS: A ANÁLISE DE UMA PROVA DE VESTIBULAR IMAGE READING: THE ANALYSES OF A VESTIBULAR TEST

Aline Rezende Belo Alves, Eliane Marquez da Fonseca
Fernandes

Resumo. Com a finalidade de refletir sobre o discurso oficial relacionado à habilidade de leitura de imagem no Ensino Médio, é feita uma análise da prova de vestibular da Universidade Federal de Goiás considerada aqui como a materialização e prática do discurso oficial que possibilita a observação das capacidades e habilidades de leitura. Sendo a linha de pesquisa adotada a Análise do Discurso, alguns conceitos de Foucault, Bakhtin, Maingueneau e outros serão mobilizados. Devido à necessidade de um recorte, o corpus é a prova de vestibular 2011-1. Este trabalho faz parte de uma reflexão maior sobre a leitura, considerando a leitura e interpretação de textos multimodais.

Palavras-chave: Discurso. Universidade Federal de Goiás. Leitura. Multimodal.

Abstract. *In order to reflect about the official discourse related to the ability of image reading in high school, it is done an analysis of a vestibular test (the entrance exam) of the Universidade Federal de Goiás considered here as the materialization of the official discourse that enables the observation of the required reading capacities and abilities. The research is based on the French Discourse Analysis and some concepts of Foucault, Bakhtin, Maingueneau and others are here appropriated. Due to the necessity of a limit the corpus, is the 2011-1 entrance exam. This work is part of a broader reflection on the reading, considering the reading and interpretation of multimodal texts.*

Keywords: Discourse. Universidade Federal de Goiás. Reading. Multimodal.

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar a perspectiva de leitura de imagem abordada pela Universidade Federal de Goiás, enquanto instituição de ensino, de maneira efetiva em sua prova de vestibular. Tal proposta justifica-se por acreditar que as escolas de Ensino Médio se pautam nas diretrizes da UFG para um direcionamento do ensino por elas praticado. O questionamento principal proposto é: como a leitura de imagem é trabalhada pela prova de primeira fase?

Com a finalidade de responder à questão será feita uma análise documental quantitativa e qualitativa dentro da perspectiva da Análise do Discurso. A análise quantitativa verificará o percentual de questões que apresentam imagem em seu enunciado ou resposta, em seguida será a análise de cada questão que trabalha com imagem a fim de observar a relevância da imagem para a resolução da questão. Para atingir tal objetivo me pautarei nas seguintes perguntas:

1. Qual a nomenclatura utilizada para definir as imagens nas questões?

2. A nomenclatura utilizada segue algum padrão a fim de possibilitar sua utilização como de gêneros de textos imagéticos?
3. Qual a necessidade da imagem para a resolução das questões, ela está como texto ou ilustração?

Para responder aos questionamentos apresentados, inicialmente será feita uma fundamentação teórica buscando autores que trabalham com Análise do Discurso, Gêneros do Discurso e com Leitura a fim de direcionar a análise de dados. Em seguida, será feita a análise da prova de vestibular de 2011-1 de primeira fase, observando as perguntas anteriormente mencionadas.

Em seguida, será feita uma reflexão a respeito dos dados levantados; lembrando que este trabalho faz parte de uma reflexão maior sobre a leitura, vista aqui como “um processo de transformação pessoal, que demanda acesso ao conhecimento e às sensações”¹ e não como um simples processo de decodificação de textos verbais. Portanto, é preciso pensar em leitura multimodal e discursivamente.

A afirmação da necessidade de se pensar a leitura discursivamente exige a exposição do que é aqui entendido como discurso. Sem a intenção de conceituar discurso, não posso compreendê-lo apenas como a unidade que ultrapassa a frase, nem como a expressão verbal da linguagem, tampouco no sentido de Benveniste com sua oposição entre discurso e história, mas como abordado por Charaudeau que compreende que “o discurso ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação, sendo que pode utilizar, conforme seus fins, um ou vários códigos semiológicos” (CHARAUDEAU, 2001, p. 24).

Logo, o conceito de discurso aqui utilizado equivale a toda atividade que produz efeitos de sentidos entre locutores (Orlandi, 2009), independentemente de quais códigos semiológicos são utilizados na encenação de significação.

¹ Prova de Língua Portuguesa da UFG - 2011-1.



2 Revisão Bibliográfica

2.1 Alguns Conceitos

Ao pensar na leitura sob a perspectiva da Análise do Discurso, alguns conceitos merecem ser mencionados. É preciso ressaltar o que é aqui compreendido como leitura, texto e discurso.

Aqui o conceito de leitura é bem mais amplo que só a leitura da escrita alfabética, abordando um conceito que inclua a “leitura de mundo” (FREIRE, 1996) e a percepção da imagem do som e do movimento, ou seja, a sintetização dos sentidos. É necessário abrir a possibilidade de se pensar em leitura de textos multimodais principalmente por estar inserida historicamente em uma sociedade multimídia, mesmo tendo claro que limitar o universo discursivo unicamente aos objetos semióticos resguardar-me-ia dos riscos inerentes a qualquer tentativa intersemiótica como afirma Maingueneau.

[...]imitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa “intersemiótica”, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escanções históricas, às mesmas restrições temáticas etc... (MAINGUENEAU, 2005, p. 145).

Logo, o fato de estar inserida em uma sociedade que está habituada à exposição de imagens e sons, ou seja, a diversos suportes intersemióticos - o que influencia diretamente a relação que o sujeito tem com a leitura - faz-me considerar a leitura também uma prática intersemiótica. Portanto, o termo leitura utilizado para a “interpretação” de textos considerados como a concretização da linguagem independente se verbal ou imagética, pois como afirma Orlandi (2009, p. 70), “[t]odo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia etc).”

Tendo claro que não posso limitar o conceito de leitura à decodificação de textos verbais, ainda preciso considerar que a leitura não pode ser efetuada considerando o texto como uma unidade de manifestação da linguagem fechada em si mesmo e nem sem observar sua constituição polifônica. Faz-se mister considerar a influência do pré-construído do leitor e as várias vozes que se manifestam no próprio texto, pois outros fatores que se destacam e influenciam a percepção do termo leitura são: o papel do leitor como co-autor que constitui relações e dá sentido ao texto – o que é possível



devido à opacidade da linguagem – e a polifonia dos textos quanto à sua natureza, isto é, o autor é atravessado pelos vários discursos a que é exposto transferindo para seu texto estas várias vozes que formam o seu próprio discurso.

Corroborando o pensamento Bakhtiniano de que a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos, a leitura aqui é percebida como um ato discursivo e comunicativo realizado por meio da linguagem, independentemente se verbal ou imagética.

Observo, portanto, que não posso limitar o termo leitura aos textos verbais, mas objetivá-la aqui como um ato interpretativo em que se procura descobrir o que o texto de fato diz independente da intenção do autor, delineando, assim, o estatuto das interpretações sociológicas ou psicanalíticas dos textos (ECO, 1986) independentemente da linguagem utilizada para a concretização do discurso.

O texto, por sua vez, já teve diferentes conceitos e características formalmente estabelecidos por várias linhas como pragmática, linguística textual dos quais eu poderia me valer em parte para esta análise, entretanto o que é considerado é a questão de estarmos constantemente expostos a textos imagéticos. Mesmo que não tenhamos conhecimento específico sobre semiótica, somos capazes de absorver mensagens neles impressas, ou seja, temos capacidade de atualização de significado mesmo sem a competência “gramatical” da imagem estruturada em nossas mentes, ou seja, mesmo que não utilize conceitos da semiótica, é possível pensar e realizar a leitura de imagem discursivamente. Assim como um texto verbal “representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário” (ECO) , a imagem também precisa desta atualização.

Aqui faço uma aproximação dos termos texto e discurso apesar de perceber que há um distanciamento entre os dois como bem enuncia Charaudeau:

Não se deve confundir discurso com texto. É preciso considerar texto como o objeto que representa a materialização da encenação do ato de linguagem. [...] Cada texto é assim atravessado por vários discursos ligados a gêneros ou a situações diferentes (CHARAUDEAU, 2001, p. 25).

O termo texto aqui se refere à materialização de discursos por meio da linguagem visual, icônica que apesar de depender das condições de produção² particulares

² A noção de Condição de Produção do discurso substitui a noção muito vaga de “circunstâncias” nas quais um discurso é produzido, para explicitar que se trata de estudar nesse contexto o que condiciona o discurso. (CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, 2008, p.114)



representando um ato de linguagem, não é necessariamente um ato de fala e deve ser processado com multifuncionalidade. Estou falando da linguagem não-verbal que aciona o pré-construído do leitor tendo o texto como um evento interativo que não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma co-produção (co-autorais em vários níveis). A compreensão de seu sentido só pode se dar levando-se em conta as condições de produção e de recepção. Visto que a imagem pode ser ainda mais opaca que a linguagem verbal, essa pode até mesmo servir de parâmetro para delimitação de análise e de interpretação dos textos imagéticos. Seria muito ingênuo acreditar que há uma universalidade absoluta dos ícones desprezando a influência cultural na significação. Uma vez que a imagem não possui um contrato pré-estabelecido de significação, as interpretações poderiam ser infinitas, entretanto, o discurso constitui e delimita as possibilidades interpretativas, como afirma Eco.

Se a corrente das interpretações pode ser infinita, [...] o universo do discurso intervém então para limitar o formato da enciclopédia. E um texto outra coisa não é senão a estratégia que constitui o universo das suas interpretações legítimas – se não legítimas. Qualquer outra decisão de usar livremente um texto corresponde à decisão de ampliar o universo do discurso (ECO, 1986, p. 44).

Muitas vezes uma única frase, ou mesmo palavra, serve de limitação para interpretação de uma imagem delimitando o universo do discurso. Se não houver uma limitação, a possibilidade de significados da subjetivação de um texto imagético é ainda maior do que a do texto verbal, que já é limitado até mesmo pela enciclopédia e o gênero escolhido pelo autor. Uma vez que não há uma “enciclopédia” específica para imagens, vê-se ainda mais aumentada a necessidade de mobilização do leitor-modelo³ na sua leitura. A importância do pré-construído, o reconhecimento da formação discursiva⁴ a que se filia e em que condições a imagem foi produzida e veiculada serão determinantes para a leitura e interpretação imagética, isto é, por não haver um tratado que determine o significado específico das imagens como signo, a opacidade da linguagem imagética é ainda maior que a verbal, por isso, é necessário que seja observado quem é o enunciador e a que sistema de regularidades e dispersões ele se filia. Afim de melhor explicitar a afirmação anterior, observemos a representação de uma mesma imagem em

³ Para realizar-se como Leitor-Modelo, o leitor empírico tem naturalmente dever de recuperar, com a máxima aproximação possível, os códigos do emitente (ECO, 1986).

⁴ “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*.” (FOUCAULT, p.43, 2008)



grupos sociais e áreas do conhecimento distintas. Como exemplo, pensemos numa foice que pode simbolizar a trabalho ou morte. Para um lavrador ou no discurso político comunista, ela simboliza o trabalho enquanto nas histórias em quadrinhos e nos cartuns ajuda a caracterizar a imagem que simboliza a morte. Mais ainda, com o mesmo significado que se relaciona ao trabalho, para o discurso político ela é carregada de ideologia enquanto para o lavrador é uma ferramenta de trabalho assim como em um encarte de venda de ferramentas agrícolas. Portanto, a formação discursiva a que o leitor e autor do texto pertencem determinará o significado da imagem. ode-se ir ainda mais longe na análise feita acima. O suporte também influencia no sentido. A foice próximo ao martelo no panfleto da loja de ferramentas não tem o mesmo significado que os dois na bandeira do partido. Portanto, tanto a formação discursiva do autor e do leitor quanto o suporte da imagem a farão assumir significados e representações sociais diversos e específicos limitando as possibilidades de interpretação evitando a superinterpretação. Portanto, fica caracterizado que dependendo do enunciador, do leitor e do meio de veiculação o mesmo objeto pode assumir significados diferentes fazendo que tais elementos sejam determinantes para a interpretação. A autonomia de uma imagem não pode se sustentar fora de suas esferas de produção, circulação e recepção. Ainda que pudéssemos detalhar sua composição e seu estilo, “o tema ficaria incompleto, inconcluso, sem o contexto que o motiva e as relações que ele estabelece com discursos socialmente movimentados naquele momento” (BRAIT; MELO, 2005, p.75).

Entre o texto e o discurso está o gênero. Esse, além de tipificar a forma textual, dá forma às atividades sociais, ou seja, é uma prática social e também práticas textuais discursivas tipificadas correspondendo às condições específicas).

2.2 Prova de vestibular: um gênero que é um suporte

Inicialmente é preciso delimitar o termo gênero. Não será aqui considerada a vertente da *teoria dos gêneros textuais* por sempre haver nela uma finalidade descritiva textual que distancia seus métodos do método sociológico bakhatiniano. Aqui a palavra gênero equaciona-se a forma de discurso (social), forma da enunciação e subordina-se às formas da comunicação: verbal e imagética em uma perspectiva sócio-ideológica. Neste trabalho, em primeiro lugar, gênero é forma (de discurso, de enunciação) que implica uma relação de dependência entre as formas de atividade e gêneros do discurso,



pois como afirma Bakhtin/Voloshinov(1929), “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica”.

Ainda seguindo a mesma linha bakhtiniana considero que os gêneros de discurso apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis, mas entendidas como: tema, elementos das estruturas comunicativas e semióticas e as configurações específicas das unidades da linguagem. Os temas são compostos pelos conteúdos ideologicamente conformados. Os elementos das estruturas comunicativas e semióticas são compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero, ou seja, apresentam uma forma específica. As configurações, por sua vez, carregam traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional. Nessa perspectiva, todas estas três dimensões dos gêneros decisivos são “determinadas pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e, sobretudo, pela apreciação valorativa do locutor a respeito do(s) tema(s) e dos(s) interlocutor(es) de seu discurso” (BAKHTIN, 1999).

Tendo claro o significado de gênero aqui, o próximo passo é refletir sobre a afirmação de que a prova de vestibular é um gênero. Considerando o exposto anteriormente, tal afirmação é possível uma vez que a prova de vestibular é uma unidade de linguagem que representa o discurso de uma instituição social, a Universidade, em uma situação social específica, a avaliação do conhecimento dos candidatos que figuram aqui como interlocutores. Com a finalidade de selecionar os candidatos às vagas existentes por meio da valoração do conhecimento acadêmico, a Universidade assume a posição enunciativa de locutor na *esfera de um sistema ideológico constituído da ciência* enquanto o candidato será o interlocutor de seu discurso. Daí a possibilidade de afirmar que a prova é um gênero secundário por ter surgido numa situação social extremamente complexa, o vestibular, relacionada complexamente à modalidade escrita da linguagem refletindo temas e relações nas formas e estilos de enunciar. Portanto, uma vez que o conceito Bakhtiniano considera que *gênero é uma prática social com características que tipificam os textos, correspondendo às condições específicas que surgem dentro daquela área*, além de classificar a prova como um gênero também é possível classificá-la como um suporte para outros gêneros. A simples ação de folheá-la possibilita perceber a presença de enunciados particulares e individuais, que utilizam as diferentes linguagens sob a forma específicas referentes a determinadas áreas do conhecimento podendo ser classificadas como gêneros discursivos tais como poemas, textos narrativos e descritivos, tirinhas, mapas, gráficos e imagens. Ainda, cada área do conhecimento apresenta predominância de formas específicas de enunciados, ou seja, gêneros.



Se fôssemos aqui catalogar e analisar todo o conjunto de gêneros reproduzidos na prova, um artigo não seria suficiente. Por isso, atendo-me apenas aos textos imagéticos que figuram nas questões, seja nas perguntas ou mesmo nas alternativas de resposta. A observação da prova permite afirmar que de 90 (noventa) questões, considerando apenas a prova de Inglês como língua estrangeira moderna, 24 (vinte e quatro) são relacionadas à imagem, o que equivale a aproximadamente vinte sete por cento (26,66%). Dois outros aspectos são facilmente observáveis: a distribuição das questões elaboradas com textos imagéticos ou verbais não é equitativa entre as diversas matérias- áreas do conhecimento – e gêneros específicos são predominantes determinadas áreas. Exemplo disso é a predominam de mapas na prova de geografia, enquanto gráficos predominam nas matérias da área de exatas (física e matemática), enquanto as imagens (figuras) predominam em línguas e história. Entretanto, a tendência de se trabalhar as questões interdisciplinarmente possibilita a presença de gráficos na prova de história e imagem na prova de matemática por exemplo.

Entretanto, é preciso ter em mente, que para algumas formações discursivas, a linguagem imagética é bem mais direta e eficaz. A demonstração de forças na prova de física, por exemplo, seria extremamente complexa se fosse apresentada em um texto verbal, assim como seria muito mais difícil “narrar” em que região é encontrada maior determinado mineral do que visualizar em um mapa. Tais exemplos reforçam a afirmação da influência do campo da atividade humana na escolha da linguagem e dos gêneros a serem utilizados.

Já explicitados os motivos para se considerar a prova como um gênero discursivo que serve de suporte para vários outros gêneros, proponho partir para a análise específica das questões que cobram a leitura de imagem com a finalidade de responder aos questionamentos iniciais sobre a nomenclatura utilizada pelas diversas áreas do conhecimento e a real representação da imagem em cada uma das questões que as utilizam como concretização do discurso, ou seja, texto.

3 Análise de Dados: A prova

Uma vez já observado que a prova é uma forma típica que traz expressões inerentes ao campo com certas expressões e situações típicas correspondente às situações da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 293), verifico que aquela representa um campo de utilização da língua; é relativamente estável em termos de



enunciado e busca a compreensão responsiva do candidato apontando, mais uma vez, para as características dos gêneros enunciados por Bakhtin.

[...] está disposta para a resposta do outro (os outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas. [...] ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Durante todo o processo avaliativo, a prova está dialogando com o candidato buscando uma compreensão e uma capacidade responsiva. Entretanto, as condições discursivas do candidato não poderiam ser mais complexas, além de compreender o que está sendo perguntado, o candidato é obrigado a compreender as repostas dadas pela banca examinadora a fim de optar por aquela que mais se aproxima da que ele teria produzido.

A prova que mais explorou a linguagem imagética foi a de Matemática com 5 (cinco) questões, o equivalente a 50% (cinquenta por cento). Na sequência quantitativa, vem a prova de Geografia com 40% (quarenta por cento); Língua Portuguesa e Física empatadas com 30% (trinta por cento) e, em seguida, Biologia, História, Química e Inglês com 20% (vinte por cento). Somente a prova de Literatura não apresentou questões com texto imagético. Se a prova de Espanhol for analisada, será percebido que as duas imagens que nela constam em nada influenciam na resolução das questões, são meramente ilustrativas.

Após uma análise mais detalhada de cada uma das questões, para melhor visualização, elaborei uma tabela que explicitasse a denominação dada à imagem pela questão e o que ela representa. Observando a tabela1 do anexo, verifica-se que não há nomenclatura única para as imagens. Cinco questões se referem à imagem como figura, quatro como gráfico e três como imagem. Encontramos ainda os termos cartaz, tira, mapa, climograma, tabela, fórmula estrutural e sistema. A prova que apresentou maior regularidade na nomenclatura foi a de Matemática, com três questões denominando a imagem como gráfico. Em segundo lugar, vêm as provas de Física e Geografia sendo que a primeira designa a imagem em duas questões como figura e uma como climograma. A prova de Geografia designa as imagens em duas questões como mapa, uma como figura e outra como tira. Percebe-se, portanto, que há uma “certa” regularidade na denominação da imagem pela área do conhecimento da questão, mas que tipo discurso que está sendo enunciado não pode ser ignorado. Logo, o lugar da



encenação é um fator determinante na forma tanto quanto a estabilidade dos enunciados.

Contudo, limitar a análise aos números seria um reducionismo de minha parte. Eu estaria cerceando a possibilidade de observar qual a necessidade da imagem para a resolução das questões, ou seja, se naquela determinada questão ela está como texto ou ilustração. Logo, parto agora para a observação de como a imagem é explorada em cada questão no que se refere às imagens.

A prova de Português apresenta dois cartazes de campanhas políticas que serão cobradas nas questões de oito a dez. Tais questões trabalham, respectivamente, conhecimento sobre o uso do tempo verbal utilizado no *slogan* e conhecimento da plataforma política de um período histórico específico, entretanto, tais informações encontram-se no texto verbal do cartaz não sendo necessário perceber a imagem como texto. Somente a questão dez trabalha com leitura das imagens propriamente dita observando características semióticas da imagem.

Na prova de Matemática, as questões vinte um e vinte e três utilizam os gráficos para fornecer dados para resolução matemática, ou seja, é essencial que o candidato interprete os gráficos para que tenha dados suficientes para resolução das questões, isto é, as imagens funcionam discursivamente como textos informativos sem os quais não seria possível montar o raciocínio para chegar a alternativa correta. A questão vinte e dois utiliza a imagem de forma interdisciplinar e discursiva de leitura direta da imagem como representação da cultura e conhecimento de uma época específica. A parte do raciocínio matemático poderia ser desenvolvida sem as imagens, porém, sem o reconhecimento de qual período histórico cada uma das imagens pertence seria impossível encontrar a alternativa correta, ou seja, era essencial que o candidato reconhecesse a que formação discursiva as imagens pertenciam a fim de associar o resultado matemático com o texto imagético. Na questão vinte e cinco, a imagem é a representação gráfica do texto verbal e auxilia na resolução do exercício, ou seja, a capacidade de leitura da imagem funcionaria como mais um artifício linguístico que o candidato poderia utilizar para efetuar as relações necessárias para chegar à alternativa correta.

Na questão trinta, é somente a partir do gráfico que será estabelecida a equação que permitirá a resolução da questão, ou seja, os dados oferecidos pela questão são oferecidos pelo texto imagético e o candidato que não tiver a habilidade de leitura de gráficos ficaria impossibilitado de resolver a questão. Portanto, é perceptível que a leitura, compreensão e interpretação de gráficos são estritamente necessárias por parte



do candidato, pois a área de conhecimento matemático constantemente trabalha com a linguagem imagética exigindo que o candidato desenvolva a sua capacidade de leitura de gráficos principalmente.

Na prova de Biologia, a tabela da questão trinta e quatro oferece informação de forma direta, possibilitando a rápida visualização dos dados demonstrando que a utilização de tal imagem é mais eficaz que a de um texto verbal. Já a figura da questão trinta e sete exige uma análise da imagem a fim de delinear o contexto para que o candidato seja capaz de relacionar o conhecimento específico da área à situação proposta pela questão. Pode-se afirmar portanto, que se o candidato tiver a habilidade de leitura multimodal, ele será capaz de resolver as questões e ainda de maneira mais rápida.

Na prova de Física, a questão quarenta e quatro é interdisciplinar. É necessário que o candidato interprete os dados oferecidos pelo climograma, Geografia, para somente depois relacionar o conhecimento trabalhado pela Física que se relaciona à condutibilidade elétrica e à térmica. As informações transmitidas pelas imagens, que por sinal pertencem a gêneros distintos, se apresentariam de forma muito mais complexa se apresentada por textos verbal. A resolução da questão quarenta e oito é a produção da imagem, ou seja, a imagem é a própria resposta; além de ler a imagem o candidato tem de ser capaz de produzi-la demonstrando que há uma preocupação da instituição não apenas na compreensão, mas também na produção de discurso por meio de outras linguagens que não apenas a verbal. Na questão quarenta e nove, o candidato precisa ler a imagem para encontrar o restante dos dados para a resolução do exercício.

Já na prova de Geografia, a interpretação da imagem da questão cinquenta e cinco permitirá saber o ângulo de incidência dos raios solares que, somado ao conhecimento da teoria, determinará a alternativa correta, ou seja, se o candidato não tiver conhecimento da linguagem específica da inclinação da terra, ele não conseguirá avaliar as alternativas propostas. As questões cinquenta e sessenta utilizam mapas como determinantes de regiões às quais o texto verbal se refere na pergunta, sendo que na questão cinquenta e sete, o mapa aponta as regiões que possuem o mesmo bioma a fim de perguntar sobre as características climáticas e, na questão sessenta, o mapa precisa de leitura da legenda para auxiliar na interpretação das informações sobre os minerais, ou seja, as informações prestadas pelas imagens tornar-se-iam extremamente complexas se fossem dadas por meio da linguagem verbal. No entanto, a tira da questão cinquenta e nove é apenas um pré-texto para entrar no conteúdo, isto é, não haveria nenhuma necessidade do enunciado imagético para a resolução da questão.



A prova de História trabalhou duas questões com imagens com características bastante diferentes. A questão sessenta e sete trabalhou com a interpretação da imagem sob a necessidade de se conhecerem os discursos específicos de uma época para escolher a alternativa correta. A imagem carrega as marcas de seu enunciador na imagem e é exatamente esta marca da voz do artista para retratar um período histórico é que é cobrada na alternativa, enquanto a questão sessenta e oito utilizou-se de gráfico para apontar momentos históricos aos quais a pergunta se refere. Como parte do enunciado o gráfico funciona como um texto extremamente informativo que tem sua interpretação bem delimitada pelas alternativas propostas pela banca examinadora.

Na prova de química, as questões setenta e dois e oitenta exigem que o candidato tenha não só capacidade de interpretação, mas também de produção da imagem. Logo, não basta que o candidato leia a linguagem imagética, mas que tenha conhecimento a ponto de produzir fórmulas estruturais e vetores de polaridades próprios área de conhecimento (FD). Na questão setenta e nove, por sua vez, a imagem é utilizada para possibilitar a visualização do sistema proposto para testar o de condutibilidade. Tal sistema apresenta-se como um enunciado que funciona como parte o texto que possibilitará a obtenção dos dados para a resolução da questão.

A última prova analisada foi a de Inglês. Nela há duas questões que requerem interpretação de imagens. Apesar de uma cobrar a interpretação do texto misto exigindo que seja feita relação entre texto verbal e imagético e a outra da imagem da resposta, ambas exigem do candidato uma análise da imagem a fim de encontrar a alternativa correta. A primeira permite observar dois discursos opostos: um de que na sociedade do século XXI, as pessoas não gostam de se comunicar nem tampouco de se aproximarem umas das outras e que o trabalho de ser independente do envolvimento pessoal e outro de que as pessoas se sentem só e buscam dialogar nas mais diversas situações. Enquanto outra é carregada do discurso cultural representado pela expressão facial das pessoas ocidentais.

Portanto, após a análise da prova de vestibular de 2011-1 da Universidade Federal de Goiás, é possível afirmar que todas as áreas do conhecimento cobraram a leitura de imagens. É perceptível certa regularidade na utilização de determinados gêneros em áreas afins do conhecimento. Entretanto, em relação à nomenclatura, pode ser detectado a alternância das palavras imagem, figura e gráfico. A palavra figura foi utilizada para designar tanto imagem, quanto diagrama e até mesmo sequência de fatos. Isso demonstra uma falta de unificação da nomenclatura para as imagens e utilização do termo figura de maneira mais abrangente do que imagem em si.



4 Considerações Finais

Sem qualquer pretensão de esgotar a análise do discurso da prova da Universidade Federal em relação à leitura de imagem, sabendo das limitações deste trabalho devido ao espaço e necessidade de aprofundamento nas diversas áreas do conhecimento, eu o encerro reconhecendo na prática a importância dada à leitura, compreensão e interpretação de textos imagéticos.

Em relação à nomenclatura das imagens, apesar de não haver unicidade na nomenclatura, há uniformidade e tipificação que permitem considerar a possibilidade de se falar em gêneros discursivos de textos imagéticos. É observável que tanto o conteúdo enunciado quanto que área do conhecimento que está enunciando influencia na nomenclatura utilizada se referir às imagens nas questões.

Em relação à importância da presença das imagens nas questões, esta não pode ser atribuída uniformemente. Entretanto, nas questões com textos imagéticos, predomina a relevância da sua presença, sendo que em algumas delas a competência cobrada é tamanha que não basta leitura da imagem, mas também há a necessidade da competência para a sua produção. Logo, há uma real utilização da imagem como concretização do discurso – texto – para a apresentação da questão ou mesmo resolução demonstrando a necessidade de compreensão do texto imagético, exigindo do candidato a constituir relações entre os saberes com os quais teve contato, não só na escola, mas também em seu próprio mundo e ainda produzir a imagem como representação do discurso da esfera ideológica acadêmica.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência e na linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Huitec, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *A estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros do discurso. In: DIONÍZIO, A; HOFFNAGEL, J. *Gêneros textuais tipificação e interação*. Tradução Judith Cambliss Hoffnager. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.19-46.

BRAIT, B.; MELO, R. (Orgs.). Enunciado, enunciado concreto, enunciação. In: _____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p.61-78.



CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARY, H. et. al. (Orgs). *Análise de discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 23-37.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, O. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ECO, H. *Lector in fabula: A cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ROJO, R. Gêneros do discurso e Gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo, SP: Parábola, 2005. p.184-207.

Anexo

Questão	Denominação	O que foi cobrado? Informação dada?
08	Cartaz	Slogan. Tempo verbal utilizado
09	Cartaz	Temática do cartaz. Leitura do texto verbal
10	Cartaz	Composição visual. Leitura do texto imagético
21	Gráfico	Dados numéricos em forma de gráfico
22	Imagem	Períodos históricos (classicismo e renascimento)
23	Gráfico	Análise de curva do gráfico
25	Figura	Diagrama de campo magnético
30	Gráfico	Função polinomial – leitura para obtenção de dados
34	Tabela	Dados numéricos indispensáveis – informação
37	Figura	Descrição de sequência de eventos
44	Climograma	Gráfico
48	Figura	Curva do espelho
49	Figura	Índice de refração
55	Figura	Ângulo de incidência de raios
57	Mapa	Bioma



59	Tira	Exemplificação, ilustração
60	Mapa	Leitura de legenda
67	Imagem	Análise da própria imagem
68	Gráfico	Leitura para obtenção de dados
72	Fórmulas estruturais	Resposta que representa a teoria
79	Sistema – esquema	Representação gráfica do sistema
80	Imagem	Diagrama vetorial
81	Cartoon	Texto misto
90	Picture	Representação, descrição – vocabulário
83 e 87 a 90*	...	As imagens são ilustrativas

*Prova de espanhol.

Aline Rezende Belo Alves (alinebelo3@gmail.com)



Aline Rezende Belo Alves é formada pela PUC-GO. É especialista em ensino e aprendizagem de língua estrangeira pela UFG. Mestre em Letras Linguística pela UFG e Doutoranda em Linguística pela UFG. Atualmente é professora do IFG-Inhumas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente como professora de Inglês além de leitura/escrita e ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa.

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (elianemarquez@uol.com.br)



Eliane Marquez da Fonseca Fernandes tem Pós-Doutorado em Educação pela UnB (2009) e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007) e atualmente trabalha como adjunto 3 na Faculdade de Letras da UFG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase Linguística Textual e Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: texto, produção textual, gêneros do discurso, análise do discurso, leitura/escrita e ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa.

